

MADEIRA DE LEI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p92-93>

Alberto Martins

Escritor e artista plástico

Eu estava no ônibus quando ouvi essa expressão, e a associei de imediato a Boris Schnaiderman. Atrás de mim conversavam dois homens de meia-idade e pelo teor da conversa entendi que se referiam a um terceiro, mais velho e que não estava presente. A certa altura um deles disse: “Não sei, parece que ele é feito de outra matéria — madeira de lei”.

A expressão surgiu no tempo da Colônia e indicava as madeiras que só podiam ser cortadas com permissão legal da Coroa. No princípio dizia respeito basicamente ao pau-brasil, mas depois se estendeu ao jacarandá, à peroba, ao jatobá e a outras madeiras duras, resistentes aos ataques de fungos e insetos. Com a Independência, a lei portuguesa se foi, outras vieram, a madeira no Brasil continuou a ser derrubada, mas a expressão ficou, e naquela conversa o termo “madeira de lei” era empregado como traço de caráter.

O que mais me marcou em Boris Schnaiderman foi o seu silêncio, diferente de outros que conheci. Era um silêncio próprio, específico, inerente a ele mesmo e à sua constituição; hoje, quando lembro de como ele se calava no meio de uma conversa, o que acontecia várias vezes, tenho a impressão de que ele estava sendo fiel a algo mais forte e profundo do que a consciência — estava sendo fiel à matéria de que era feito. Foi a qualidade material desse silêncio, cada vez mais rara de encontrar, que me levou a associar Boris Schnaiderman àquelas palavras ouvidas no ônibus.

*

Quando trabalhava na edição de *Khadji-Murat*, a novela de Tolstói traduzida por Boris e publicada pela 34, topei no capítulo XX com a canção de um calejado combatente, um homem habituado à luta que sente que sua hora se aproxima. Ela é entoada por Khanéfi, irmão adotivo do herói-protagonista. No livro, ela está em prosa; alterei uma palavra ou outra, dispus em versos (mesmo sem conhecer o original), e fiz esse poema roubado da tradução de Boris Schnaiderman, que copio aqui, em homenagem:

uma canção de Khadji-Murát

A terra em breve há de secar, mãe
e você vai esquecer da sepultura.
Tufos de grama vão crescer no cemitério
e abafar teus dissabores, velho pai.
Não darei o nome a meu sobrinho.
Minha irmã tem outras dores que lembrar.
Mas você não vai pregar o olho, irmão mais velho
enquanto não vingar a minha morte
e você não vai pregar o olho, irmão do meio
enquanto não deitar ao meu lado.
A bala da espingarda é quente e carrega dor
mas não foi para mim uma escrava fiel?
A terra preta vai cobrir minhas pálpebras
mas não fui eu o primeiro a cavoucá-la?
A morte é fria, fria, fria
mas por um bom tempo não fui o seu senhor?
Então é justo. A terra vai devorar o meu corpo.
O céu vai nutrir a minha alma.

Alberto Martins é gravador, escultor, escritor e poeta. É mestre em literatura brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH/USP. É autor dos livros *Poemas*, *Cais* e *A História dos Ossos*.